

# mudar a



publicação do graal

Publicação bimestral — 25\$00



PORTE PAGO

NOVEMBRO/DEZEMBRO 1984

52.

- um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo
- um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade
- um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos



## MOVIMENTO POPULAR NO BRASIL

### COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) existem há cerca de 20 anos no Brasil, donde se espalharam para outros países da América Latina. São grupos integrados por pessoas das classes subalternas e articulados em torno da motivação religiosa que constitui, nessa faixa social crente e oprimida, a mundividência elementar pela qual ela exprime a sua maneira de entender a vida, o homem e a história. Mundividência que se tecer em categorias culturais de carácter religioso e na qual entrelaçam elementos míticos e não-míticos apreendidos na prática social.

Cálculos gerais levam a crer que existam hoje, no Brasil, cerca de cem mil CEBs, congregando cerca de dois milhões e quinhentas mil pessoas. São consideradas CEBs múltiplos núcleos, que vão desde a capela rural que, aos domingos, reúne para o culto, sem padre, cinquenta ou cem fiéis, até aos grupos de rua ou às comunidades paroquiais da periferia, subdivididas em pequenos núcleos de dez a vinte membros.

As CEBs nascem no início dos anos 60, nas dioceses de Natal e de Volta Redonda, como equipas leigas encarregadas de complementar a actividade paroquial dos poucos vigários responsáveis pelo atendimento ministerial de inúmeras capelas e igrejas. Nessa fase pioneira, cabe às CEBs ajudar na preparação do culto, na distribuição de certos sacramentos, na catequese e na organização e incentivo dos movimentos paroquiais.

A repressão ao movimento popular desencadeada pelo golpe militar de 1964 fez com que as classes subalternas buscassem o único espaço que escapou ao controle estatal directo: a instituição eclesiástica. Assim, as CEBs que, de início, eram iniciativas clericais integradas na actividade paroquial, passam a abrigar

antigos militantes do movimento popular e, inclusive, a albergar activistas políticos visados pela repressão. Apoiadas pela nova maneira de a Igreja conceber o seu próprio trabalho, à luz do Vaticano II (1963-65) e, posteriormente, à luz da Conferência Episcopal de Medellín (1968), as CEBs valem-se da sua conotação religiosa aparentemente insuspeita aos olhos da ideologia estatal dominante, para se proliferarem por todo o território nacional.

O que marca a metodologia de trabalho pastoral nas CEBs é a devolução, aos membros das classes subalternas, do seu poder (pela democratização dos processos de deliberação, decisão e execução) e do seu saber (pela reapropriação do capital simbólico da fé cristã). Isso dá-se, sobretudo, através dos Círculos Bíblicos, nos quais o fundamento da vida cristã — a Bíblia — é colocada nas mãos da gente simples do povo que deve interpretá-la à luz das suas próprias vivências. O que se verifica é uma nova leitura que difere qualitativamente da leitura oficializada pelo academismo clerical. Enquanto esta se compara a quem olha para trás para conhecer factos do passado, a leitura pela «óptica dos oprimidos» é a de quem se olha no espelho para compreender melhor a sua actuação hoje.

Assim, as CEBs, integradas por pessoas que, na sua maioria, são movidas pela exigência imediata de sobrevivência e de resistência frente às ameaças de instabilidade profissional e social, levam para o Círculo Bíblico os seus problemas concretos de falta de água, de esgotos, de transporte, de defesa da moradia na favela, de posse da terra, de creche, de saúde ou de escola. Ligam-se fé e vida, palavra de Deus e problemas do homem, esfera da religião e esfera da sobrevivência, gratuidade e necessidade. O sentido que a religião dá às suas vidas — Jesus como prática

histórica e política de Deus entre os homens — actua como factor de libertação a ressoar como exigência de modificar a realidade «marcada pelo pecado» (injustiças, desigualdades, etc.), de forma a que ela corresponda «ao projecto de Deus» — sociedade futura de liberdade e de justiça projectada na utopia cristã do Reino de Deus.

Aos poucos, as CEBs convertem-se em sementeiras de movimentos populares, infundindo através do seu discurso pastoral politicamente genérico, ético, o empenho organizativo em função de lutas populares reivindicativas (água, luz, creche, etc.) ou de resistência (da moradia, da terra, etc.). Embora elas não fossem o único berço do movimento popular pós-64, é inegável que delas surge toda uma gama de «ferramentas populares» (associações de moradores, clubes de mães, movimento de favela, etc.) autónomas em relação às tradicionais tendências de esquerda, de cunho marxista. Daí um certo número de características dos movimentos populares surgidos da iniciativa pastoral: não os preocupa tanto o discurso, a definição ideológica, como a acção prática, concreta, desprovida de horizonte estratégico e acentuadamente basista, como se os demais níveis da sociedade civil nada tivessem a ver com a luta travada ao nível das classes subalternas.

O início dos anos 70 é caracterizado, no movimento social, pela desarticulação da luta armada mediante intensa repressão e o aparecimento de «ferramentas populares» relativamente autónomas. A vinculação entre a luta em defesa das vítimas da repressão e o apoio ao nascente movimento popular faz-se, sobretudo, em algumas dioceses, cujos bispos assumem, como projecto genérico do ponto de vista político, mas bíblico e teologicamente fundamentado, a bandeira da **libertação**. Em função desse compromisso justificam-se a «opção preferencial pelos pobres», como sujeitos do processo de libertação, e a elaboração, a partir da prática das CEBs, de um novo método de reflexão teológica conhecido como Teologia da Libertação.

## ACÇÃO NÃO PARTIDÁRIA

A interrelação entre as CEBs e a emergência de novos movimentos populares acentua-se nos primórdios da luta popular por uma maior abertura política, nos anos de 1974-75.

À frente desse processo, surge o novo sindicalismo combativo, autêntico, desatrelado de partidos políticos ou de tendências ideológicas, voltado para os problemas concretos dos trabalhadores. A capacidade de organização e de mobilização desse sindicalismo representativo, capaz de levar os trabalhadores a retomarem a greve como arma de pressão e protesto, não se pode desligar do papel desempenhado nesses movimentos pelas CEBs, que completam nos bairros a mobilização iniciada nas fábricas. O apoio das CEBs

aos Fundos de Greve, a abertura das igrejas e capelas para reuniões e assembleias de trabalhadores, são indícios da consciência de classe que surge entre os militantes da pastoral popular, em cuja prática espontaneísta, economicista, reformista, se delineia, aos poucos, a visão global do sistema de exploração capitalista e a aspiração a uma prática socialista, traduzida em conceitos genéricos de fundo religioso, como a partilha dos bens, a fraternidade, a igualdade social.

A articulação entre o movimento sindical e as CEBs reproduz o mesmo vínculo existente entre as CEBs e as «ferramentas populares». Centenas de militantes actuam numa e noutra esfera, no âmbito popular e no núcleo eclesial, este funcionando como posto de abastecimento, na linha do sentido e da motivação à luz da fé cristã; aquele como área de engajamento e luta, na linha da prática, do compromisso, da resposta reivindicativa ou transformadora. Essa prática no movimento popular, que leva os militantes cristãos, especialmente na zona rural, à dramática experiência do conflito social, não é, porém, suficiente para despertar neles uma visão política coerente, ideologicamente articulada. De certa forma, a própria metodologia das CEBs, essa tendência qualificada de basismo, que as leva a não se desvincularem da prática quotidiana dos movimentos na periferia e na zona rural, ainda que em detrimento de uma acção política mais consequente, salva-as da tentação de se afirmarem como força política, resvalando para uma espécie de «cristandade de esquerda», inspirada numa nova doutrina social cristã.

De facto, em política, o vanguardismo é uma doença senil do idealismo, sempre contraída fora do movimento popular e do contacto permanente com as bases. Se as CEBs não se deixaram contaminar por ele, foi certamente porque os seus militantes viveram o processo de «abertura» política no interior do movimento social, sem nunca perderem de vista a linha divisória que separa a Igreja do messianismo político. Mesmo decepcionando aqueles que, por não se aperceberem da natureza e do carácter da esfera eclesial, esperavam das CEBs uma acção política coordenada a nível nacional, como rectaguarda desta ou daquela proposta de reformulação partidária, as CEBs mantiveram o seu perfil evangelizador, pastoral, marcado por traços políticos éticos, utópicos, ideologicamente confusos, mas capazes de exprimir o nível de consciência decorrente da actuação social dos seus membros.

O processo da reformulação partidária ocorreu fora das CEBs, embora com a participação de muitos dos seus militantes. Enquanto instância pastoral, elas não se envolveram directamente nas discussões de propostas. Mantiveram-se antes atentas às alternativas emergentes, abrindo-se a todas elas, como forma de possibilitar aos seus membros um discernimento partidário livre e aberto. Esse esforço de educação política no interior das CEBs fez com que a preferência par-

tidária dos seus membros recaísse sobre partidos de oposição ao regime militar, segundo a expressão regional e a vinculação popular dos respectivos partidos. Assim, se no Estado de São Paulo é notória a filiação de militantes cristãos no PT (Partido dos Trabalhadores), no Nordeste, a preferência recai sobre o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e, em algumas áreas do Sul do País, sobre o PDT (Partido Democrático Trabalhista). Em outras áreas, convivem harmoniosamente, dentro de uma mesma CEB, militantes do PT, do PMDB e do PDT ao lado de outros membros que conservam indiferença ou desprezo para com a actividade partidária.

Este fenómeno apenas mostra que a acção política, hoje, no Brasil, não se restringe nem se esgota nos partidos. Pelo contrário, ela é muito mais vasta, profunda, permanente e consequente. Passa pelas lutas dos flagelados que se organizam contra a seca, dos posseiros que ocupam terras, dos bóias-frias que sabotam canaviais, dos índios que defendem as suas áreas, dos favelados que resistem ao despejo, das mães de periferia que reivindicam creches, dos desempregados que se mobilizam, dos sindicatos que começam a en-

saiar a greve geral, etc. O que há de novo no cenário político nacional é justamente esse movimento popular que mantém uma postura crítica e combatente, sem ter sido gerado no seio das tradicionais tendências de esquerda. Mesmo em relação à pastoral popular e às CEBs esses movimentos preservam a sua autonomia, apesar do permanente esforço, por parte dos quadros de esquerda e mesmo da pastoral, em cooptá-los ou dirigi-los.

A reformulação partidária de 1979 tornou patente o quadro dentro do qual se move hoje a sociedade civil brasileira: a esfera dos partidos, a esfera do movimento sindical, a esfera do movimento popular e a esfera das CEBs. O grande desafio do momento histórico é como manter a interrelação e a complementariedade entre as quatro esferas, sem que uma queira absorver ou excluir as outras. Na actual conjuntura, o clube de mães da periferia é tão importante como o núcleo partidário — ou seja, a tarefa essencial é organizar, conscientizar e mobilizar as classes subalternas, preparando as condições subjectivas que, oportunamente, venham a possibilitar a transformação da sociedade brasileira.

## GRAMÁTICA DIFERENTE

*O povo tem a sua gramática e a sua lógica. É diferente da dos letrados. Mas está mais próxima da Bíblia. Como a Bíblia, ele avoluma os factos que recebem significação pela presença e acção do poder de Deus. Na tela do presente, a sua memória projecta ampliados os acontecimentos longínquos do passado. Lêtegera os números, carrega as cores, dilata os espaços para realçar o sentido.*

*A fala de Deus está na sua experiência como foi experimentada por Moisés e os Profetas. As «maravilhas de Deus» pertencem ao seu quotidiano. Milagre é sinal do comando de Deus*

*sobre a natureza. Está em tudo, só não vê quem é cego. «Deus anda misturado com as coisas». Como na Bíblia. Daí certa conaturalidade que torna fácil o jogo das analogias. Respeita e curte o visual das imagens e o movimento das parábolas. Não se preocupa muito em extrair mensagens e builtar corceitos. «O Evangelho até que não é difícil. Difícil é o sermão do padre».*



Eliseu Lopes  
in «Tempo e Presença»  
São Paulo, 1984

## TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Os relatos apresentados pelos 400 representantes das CEBs brasileiras no V Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base, em Canindé, Julho de 1983, mostram que as CEBs se constituem, cada vez mais, num espaço onde pessoas das classes subalternas, motivadas pela sua fé cristã, fazem o primeiro exercício de apropriação do seu saber e do seu poder.

A apropriação do saber inicia-se com o uso da Bíblia, em reuniões de pequenos grupos. O contacto directo com esse texto, que para os militantes é Palavra de Deus, cria um vínculo directo de legitimação entre o que se crê e o que se faz. Aquilo que não se faria por «razões políticas», como a luta pela terra ou pelo alojamento, encontra a sua justificação em «razões religiosas»: Deus não quer um mundo injusto, é preciso transformá-lo. O universo no ético das classes subalter-

nas não é tributário do racionalismo moderno; pelo contrário, a porta da razão é o coração, a sabedoria intuitiva ou a intuição de classe, e a chave do coração é a religião. Se os conceitos da ciência política são estranhos ao universo popular, devido ao seu alto grau de abstracção, a linguagem visual, concreta, descrita em parábolas, da religião, é co-natural a esse povo latino-americano que articula a sua mundividência mais elementar em categorias religiosas.

Por outro lado, o uso da Bíblia propicia as condições de passagem da percepção da vida como fenómeno biológico para a percepção da vida como processo biográfico — factor fundamental na conscientização. Isto porque a Bíblia é o relato da história de um povo em busca da sua libertação e é dentro desse relato e dessa história que a fé encontra o seu sentido. Ao meditar comunitariamente a Bíblia, os membros das CEBs estabelecem a comparação com a sua his-

tória de hoje, pondo em paralelo convicções e atitudes. Essa expressão religiosa do real não é facilmente compreendida pelos agentes políticos não-cristãos, habituados a aferir o nível de conscientização das classes subalternas pelo universo vocabular mais ou menos rico em conceitos formais. Esquecem que as experiências históricas, como a da Nicarágua, comprovam que um povo não necessita, obrigatoriamente, de saber definir quais são as «contradições antagónicas» ou a «correlação de forças» para se empenhar a fundo no processo de transformação social. Os militantes populares sabem, no real, o que esses conceitos exprimem.

O exercício de apropriação do poder dá-se nas CEBs na medida em que elas procuram pôr em prática, no seu interior, as alternativas que propõem à sociedade global. Ao realizarem sem sacerdotes o culto religioso, e ao recriarem os seus símbolos, elas afirmam-se como um «novo modo de ser Igreja» (definição oficial da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros) — Igreja comunitária e não autoritária, centrada no amor e não na disciplina, voltada para os sinais dos tempos e não para o céu como negação da terra. Igualmente importante é a prática da democracia, no que se refere a todas as decisões e iniciativas: o exercício do voto individual nas decisões colectivas não privilegia o agente pastoral; pelo contrário, exige dele acatar e assumir o que a maioria julga acertado, submetendo-o a um processo de reeducação indispensável a quem quer que queira inserir-se na caminhada das CEBs. Ao mesmo tempo, as CEBs empenham-se em criar, desde já, ao nível da microsociedade que elas representam, as alternativas propostas para a macrosociedade. Assim, a farmácia de rua, as compras comunitárias, o mutirão na roça ou na construção de casas, a creche familiar, são iniciativas que propiciam a prá-

tica da socialização dos bens e da sujeição dos interesses individuais às aspirações colectivas.

Um outro aspecto de maturidade democrática que se nota nas CEBs é a pluralidade de opções partidárias, sem quebra da unidade confessional e pastoral. As divergências políticas e ideológicas entre os militantes não engendram dissidências ou rupturas, antes, servem para aprofundar a educação política, vivenciando princípios (liberdade de opinião, unidade na pluralidade, etc.) que, em geral, têm na abstracção do discurso uma ressonância que não se vê na prática.

Uma das dificuldades da prática das CEBs é um certo «ranço» anticomunista que não permite aos seus militantes distinguirem, na prática, os vários matizes de actuação dos diversos grupos e tendências comunistas. Tal preconceito leva, por vezes, uma CEB a considerar-se como o único serviço «desinteressado» numa área popular, não admitindo que outras tendências possam aí penetrar. Esse exclusivismo é tanto mais preocupante quanto se percebe que a ideologia pastoral pode impedir os seus militantes de se abrirem às ciências que melhor explicam os mecanismos sociais e às categorias políticas que traduzem aspirações ético-religiosas em actuação táctica e estratégica.

Apesar desta e de outras dificuldades inerentes a qualquer movimento social, uma coisa é certa: estão efectivamente ensaiando, pela prática eclesial que desenvolvem e pelo movimento popular que suscitam, um novo modelo de sociedade: popular, democrática e socialista. A medida até onde esse embrião poderá crescer não depende exclusivamente das CEBs; depende da conjuntura nacional e internacional em que o confronto das forças políticas decidirá os rumos futuros do Brasil.



Frei Betto  
Texto policopiado, 1984

## ANDAR COM DOIS PÉS

*Um pé é a Bíblia. O outro é a realidade — explicava o dono da comparação. Quem fica só com a Bíblia ou só com a realidade sai pulando num pé só.*

*O povo se sente contemporâneo da Bíblia. Convive com Abraão e Jacó. Conhece Abel e Caim. Sabe onde estão o Faraó e Herodes. Jesus frequenta as casas.*

*«A Bíblia não é um livro de letra mas um livro de estória — dizia o Tião que tenha Deus em sua glória. Não a História do mundo mas uma estória. Daqui a tempos, quando meu bisneto perguntar como começou a renovação da Igreja, vou res-*

*ponder com as primeiras palavras da Bíblia: No começo não tinha nada».*

*Um outro emendava: «A Bíblia é uma construção de muitas peças mas o cimento da Palavra de Deus faz dela um bloco só, uma casa do conforto». E, refastelando-se na cadeira, explicava: «Do conforto porque o conforto é a pessoa estar bem de si e ter o que deseja. Eu sempre vivi de ameia, labutando nas terras dos outros e sem futuro. Pego a Bíblia e encho o peito porque ali está escrito que Deus criou a terra para todos. Dá ou não dá conforto?»*

Eliseu Lopes  
Ibidem

Publicação bimestral. Assinatura anual: 150\$00; estrangeiro: 400\$00. Directora: Maria Teresa Santa Clara Gomes. Inscrito na DGCI com o n.º 106 032.

Propriedade e administração: GRAAL — Rua Luciano Cordeiro, 24, 6.º-A — 1100 Lisboa. Comp. e Impressão: Silvas - Coop. de Trab. Gráficos, crl.